

**LINGUAGEM EM QUADRINHOS E EDUCAÇÃO INCLUSIVA: O LEGADO DE NELSON MANDELA**

**Fernanda de Araújo Patrocínio<sup>1</sup>**

**Resumo:**

Partindo de duas obras ilustradas sobre Nelson Mandela, articula-se aqui o modo como o negro atualmente é retratado e como a escola pode promover diálogos interculturais por intermédio de tais materiais. O objetivo é promover uma reflexão sobre o negro a partir da Educomunicação e pensar tal pauta no contexto brasileiro, considerando a produção de livros ilustrados/quadrinhos. A metodologia adotada é a de pesquisa bibliográfica e documental. No arcabouço teórico sobre Educomunicação serão utilizados os trabalhos de Adilson Citelli, Maria Cristina Costa e Ismar Soares. Para a compreensão do negro (vindo da experiência colonizada) hoje, Homi K. Bhabha e Stuart Hall serão resgatados.

**Palavras-chave:** Nelson Mandela. Educomunicação. Quadrinhos. Estereótipo. Identidade.

**Introdução**

O presente artigo pretende mostrar o diálogo entre a Educação e a Comunicação, a partir da adaptação literária *Long walk to freedom* (Macmillan, 2009) e da série de gibis *Nelson Mandela – The Authorized Comic Book* (W. W. Norton & Company, 2008). O papel do negro neste último século, principalmente, aquele que viveu em países colonizados, será ressaltado aqui.

O objetivo deste trabalho é justamente ressaltar a iniciativa sul-africana em aproximar a História de uma figura importante do país (Nelson Mandela) às crianças, por intermédio da linguagem gráfica. Diante de tal proposta, tensiona-se aqui o recorte histórico feito bem como quem é este negro destacado nos meios educativos utilizados para a análise. Como metodologia, será utilizada o levantamento bibliográfico acerca de pesquisas relacionadas ao tema, bem como outros exemplos de representação – utilizando-se o contexto brasileiro para tal.

---

<sup>1</sup> Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação pela Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: faraujopatrocinio@gmail.com.

Originalmente, *Long walk to freedom* é a autobiografia de Nelson Mandela, lançada no Brasil como *Longa caminhada até a liberdade* (Nossa Cultura, 2012). Preocupada em repassar o legado de Mandela, sobretudo o seu trajeto na luta pela liberdade, pelo fim do *apartheid* e pela Educação como um direito a todo cidadão sul-africano, a Fundação Nelson Mandela<sup>2</sup> encomendou a adaptação da biografia em forma de livro ilustrado. A instituição contou com o apoio da READ Trust<sup>3</sup> para a consolidação deste produto editorial. A primeira impressão de *Long walk to freedom* para crianças foi feita em 2009, com ilustrações feitas pela artista Paddy Bouma e com roteiro elaborado pelo autor infantil Chris Van Wyk. O público da adaptação são crianças ainda nos primeiros anos do ensino fundamental. Há edições desta peça editorial em 13 línguas, sendo 11 delas oficiais da África do Sul, além do português e do inglês americano.

Em *Nelson Mandela: The Authorized Comic Book*, novamente a biografia do político sul-africano é retomada – da infância, passando pela luta contra o *apartheid*, pelos 27 anos preso na ilha Robben até ser eleito, democraticamente, presidente em 1994. Ao invés de livro ilustrado, o produto em questão é uma série em histórias em quadrinhos. As ilustrações ficaram a cargo do grupo Umlando Wezithombe. A série é dividida em oito gibis (capítulos) e foi gratuitamente distribuída nas escolas de ensino fundamental entre 2005 e 2007, segundo o site da Fundação Nelson Mandela.

A iniciativa em ambas é, justamente, a partir dos princípios de Mandela, repassar a sua história de luta às novas gerações. A África do Sul é um dos países que mais investem em Educação. No último ano fiscal, o país investiu 7% do seu Produto Interno Bruto (PIB) na Educação, cerca de US\$ 2,2 bilhões. Ainda sobre os dados recentes da Educação sul-africana:

Na África do Sul, quase todas as crianças em idade escolar estão matriculadas até a 9ª série e, nos últimos 30 anos, a média de tempo que cada estudante permaneceu na

---

<sup>2</sup> Segundo o site da Fundação Nelson Mandela, ela é a instituição que zela pelos dados e informações sobre Nelson Mandela, promovendo as visões e os trabalhos feitos pelo fundador (que dá o nome à instituição), por intermédio de plataformas em prol da justiça social e mudanças positivas. A Fundação foi criada em 1999, após Mandela deixar a Presidência da África do Sul.

<sup>3</sup> Segundo o site da READ Educational Trust, trata-se de uma organização não-governamental (ONG) que atua na Educação e nos setores ligados a tal, além do treinamento de professores e do fomento de pesquisas nas escolas. Fundada em 1979 por doadores estrangeiros e empresas do setor privado, a READ trabalha ao lado do Departamento de Educação da África do Sul para implementar treinamento aos professores e projetos culturais nas escolas.

escola aumentou em 50%. Esse dado acompanha um investimento equivalente a uma média de 5,6% do PIB do país ao ano nos últimos 23 anos. Entre as crianças em idade escolar, 97% (10,9 milhões) frequentaram algum tipo de instituição de ensino em 2010, contra 95% (10,6 milhões) em 2002.

O maior acesso ao ensino sul-africano teve suas origens em 1996, quando o governo decretou o Ato das Escolas Sul-Africanas (SASA, sigla em inglês). Dois anos depois do fim do *apartheid* (1994), regime de segregação racial que vigorou por mais de 40 anos e teve efeitos na educação como um todo, o governo buscou estabelecer padrões mínimos que deveriam ser cumpridos por todas as nove províncias do país. Isso implicou padronizar o currículo, a formação dos professores, o financiamento das escolas e a gestão das universidades.

Sob essa lei, o ensino se tornou compulsório para a população entre os 7 anos (1ª série) e 15 anos (9ª série). Mas, para que possam entrar na universidade, os estudantes também têm de completar o equivalente ao ensino médio brasileiro, que vai da 10ª à 12ª série (CARVALHO, 2013, s/p).

Tal panorama positivo na África do Sul se deve às décadas de lutas pelos direitos cidadãos, sobretudo à luta contra o *apartheid*, que separava socialmente brancos e negros, sendo que estes últimos tinham inúmeras restrições públicas, tratamento pejorativamente diferenciado e eram obrigados a andarem com identificações (caso contrário, eram presos). Assim, a conquista política com o fim do *apartheid* trouxe a Educação como um direito civil e uma prática popular e não um privilégio de indivíduos diferenciados por fenótipos e/ou classes sociais. No caso aqui trabalhado, as questões são colocadas e transmitidas por intermédio de um produto editorial antes marginalizado – o quadrinho/livro ilustrado sequencial. Porém, ele agora conquistou seu espaço no mercado editorial, com a implementação das histórias em quadrinhos em sala de aula e com a maior atenção do mercado depois da conquista do Pulitzer<sup>4</sup> de *Maus*, de Art Spiegelman (Companhia das Letras, 2005).

## **A Educomunicação**

A Educomunicação é a intersecção entre a Comunicação e a Educação, de modo a trabalhar com a ampliação de espaços, sujeitos e tempos comunicativos – com destaque sempre ao viés inter e transcultural em sala de aula. Assim, o papel da escola é relevante na educação e na formação dos indivíduos. A Educomunicação apresenta constantes tensões entre o ensino tradicional e o ensino inovador, uma vez que nela estão intrínsecas políticas

---

<sup>4</sup> Reverenciado prêmio estadunidense concedido a quem, sob julgamento, realiza trabalho relevante nas áreas de Literatura, Jornalismo e Música.

sociais e a Educação e a Comunicação se tornam interfaces inseparáveis. Acerca da Educomunicação, Adilson Citelli e Maria Cristina Costa (2011) afirmam que:

Em uma síntese, é possível conceber a Educomunicação como uma área que busca pensar, pesquisar, trabalhar a educação formal, informal e não formal no interior do ecossistema comunicativo. Posto de outro modo, a comunicação deixa de ser algo tão somente midiático, com função instrumental, e passa a integrar as dinâmicas formativas, com tudo o que possa ser carreado para o termo, envolvendo desde os planos de aprendizagem (como ver televisão, cinema, ler o jornal, a revista; a realização de programas na área do audiovisual, da internet), de agudização da consciência ante a produção de mensagens pelos veículos; de posicionamento perante um mundo fortemente editado pelo complexo industrial dos meios de comunicação (CITELLI; COSTA, 2011, p. 8).

Ainda caracterizando a Educomunicação, segundo Ismar Soares, ela pode ser entendida como campo de interface, intersecção e interrelação (SOARES, 2011, p.13), proporcionando o diálogo e a troca simbólica e cultural entre educador e educando, de modo a formar sujeitos críticos e políticos (BACCIEGA, 2011, p.31). A Educomunicação prega a igualdade entre os indivíduos, com caráter inclusivo dentro de um grupo social e da própria sociedade, porém reconhecendo cada um desses indivíduos pela sua diferença. Ou seja, pratica-se o respeito aos aspectos da identidade de cada sujeito de modo que cada um também seja incluído num grupo maior e polifônico.

Solange Martins Couceiro de Lima (2011, p.57), atenta à diversidade na Educomunicação, ressaltando a lei 10.639 e a importância de disciplinas como História, Língua Portuguesa, Arte e Geografia contribuírem com a prevenção do racismo, o reforço da autoestima de discentes afrodescendentes, de modo a formar cidadãos solidários (LIMA, 2011, p.57).

É fundamental a percepção do espaço escolar como um *campo* abundante no que diz respeito às diferenças, sejam elas étnico-raciais, culturais, sociais, sejam de gênero, entre outras. A diferença não deve e não pode ser enxergada como um defeito, como *algo a ser corrigido*, mas sim como parte de um exercício importante de alteridade e tolerância. Respeitar a diversidade e a diferença é reconhecer o *outro* como parte integrante e necessária do (re)conhecimento da própria identidade (LIMA, 2011, p. 57).

Desse modo, as trocas e os diálogos entre os indivíduos plurais em sala de aula ocorre sempre devido ao enfoque das atividades pedagógicas. Problematiza-se, então, justamente quem é este negro estudado nas escolas brasileiras e sul-africanas, neste caso. Mais do que

isso: quem é este sujeito que precisa de incentivos sociais, pedagógicos e jurídicos para ter suas raízes repassadas e ensinadas em ambiente escolar? Questiona-se aqui, então, as tensões levantadas entre a teoria e a prática no convívio entre indivíduos de diferentes trajetórias étnicas, mas com o fato em comum de serem brasileiros ou sul-africanos.

O verbo tolerar<sup>5</sup>, embora ainda empregado em algumas ações de políticas públicas, mostra-se no contrassenso quando inserido no contexto da inclusão. Tolerar, seguindo o tema deste artigo, é reforçar o racismo e a exclusão; tolerar é dizer sim disfarçado de não a quem é diferente daquele indivíduo que julga. O verbo aplicado deve ser o respeitar<sup>6</sup>, justamente devido ao seu substantivo com teor de igualdade, sem conotações subservientes de nenhuma parte.

E o viés da Educomunicação faz-se relevante justamente por abordar os indivíduos no coletivo, respeitando as suas características peculiares. Como prática que visa a promoção do sujeito emancipado e dialógico, as duas obras sul-africanas citadas neste artigo em muito se encaixam na proposta. O intuito, então, acaba sendo proporcionar igualdade e diálogo a partir de recursos editoriais e educativos, como o quadrinho e o livro ilustrado. Apesar de destinar-se às crianças nas séries escolares iniciais e o desenho proporcionar a reprodução de momentos que, muitas vezes, as palavras não alcançam, pela linguagem simples e direta, pode-se dizer que os livros também estão disponíveis para auxiliar na alfabetização.

## **O estereótipo**

Considerando a experiência da colonização (presente nos enredos dos livros sul-africanos aqui estudados), destaca-se aqui o conceito de estereótipo, segundo Homi K. Bhabha (2010). Para ele, este é um aspecto importante do discurso colonial. Ele afirma que o estereótipo é a principal estratégia do discurso colonialista, já que é um modo de representação paradoxal: “conota rigidez e ordem imutável como também desordem,

---

<sup>5</sup> Segundo o dicionário Aurélio: v.t. Aceitar com indulgência: tolerar alguém em sua casa. / Permitir tacitamente; não impedir: tolerar abusos. / Suportar: seu organismo não tolerou a sulfa.

<sup>6</sup> Segundo o dicionário Aurélio: v.t. Ter respeito, deferência por alguém; ter em consideração: respeitar os velhos. / Não causar qualquer prejuízo a alguma coisa: respeitar o bem do próximo. / Tratar com atenção, poupar: certas crianças nada respeitam. / Ter cuidado com; não perturbar: respeitar o trabalho, o sono de alguém. / Cumprir, observar: respeitar a lei. / Dizer respeito a, concernir. / &151; V.pr. Guardar o decoro que convém à sua situação, à sua dignidade.

degeneração e repetição demoníaca” (BHABHA, 2010, p.117). Considerando a força da ambivalência do discurso colonial, Bhabha aponta que:

[...] é a força da ambivalência que dá ao estereótipo colonial sua validade: ela garante sua repetibilidade em conjunturas históricas e discursivas mutantes; embasa suas estratégias de individuação e marginalização; produz aquele efeito de verdade probabilística e predictabilidade que, para o estereótipo, deve sempre estar em *excesso* do que pode ser provado empiricamente ou explicado logicamente. Todavia, a função da ambivalência como uma das estratégias discursivas e psíquicas mais significativas do poder discriminatório – seja racista ou sexista, periférico ou metropolitano – está ainda por ser mapeada (BHABHA, 2010, p.118).

Trazendo para o contexto da Educomunicação, é possível entender a importância desta perante tal ambivalência, como parte do princípio dialógico para formação de indivíduos emancipados e críticos. A reprodução de conjunturas histórias e a marginalização podem influenciar tanto no convívio social quanto no conhecimento histórico. Neste último ponto, torna-se passível de erros e distorções (ainda colonialistas) de conteúdos pedagógicos, prejudicando a formação cidadão e o reconhecimento dos indivíduos perante a História.

Com relação ao problema da discriminação, Bhabha (2010, p.135) o destaca como efeito político do discurso estereotipado – sendo relacionado às questões de “raça” e de “pele”. Considerando o fetichismo e seus usos para a compreensão do discurso racista, Bhabha retoma Franz Fanon e o esquema epidérmico. Ou seja:

A pele, como significante chave da diferença cultural e racial no estereótipo, é o mais visível dos fetiches, reconhecido como “conhecimento geral” em uma série de discursos culturais, políticos e históricos, e representa um papel público no drama racial que é encenado todos os dias nas sociedades coloniais. Em segundo lugar, pode-se dizer que o fetiche sexual está intimamente ligado ao “objeto bom”; é ele o elemento do cenário que torna o objeto todo desejável e passível de ser amado, o que facilita as relações sexuais e pode até promover uma forma de felicidade. O estereótipo também pode ser visto como aquela forma particular, “fixada”, do sujeito colonial que facilita as relações coloniais e estabelece uma forma discursiva de oposição racial e cultural em termos da qual é exercido o poder colonial (BHABHA, 2010, p.135).

No trecho, o autor ressalta as sanções políticas e históricas impregnadas nos discursos de estereótipo. Além disso, ressalta o caráter subserviente do negro pronto para satisfazer (gerar “felicidade”) o poder colonial. Bhabha (2010, p.141) destaca ainda a cadeia de significação estereotípica, que é “misturada e dividida, polimorfa e perversa, uma articulação da crença múltipla” (2010, p.141). Ele continua explicando que o negro é colocado como o

selvagem/canibal ao mesmo tempo que ocupa o lugar da obediência e da servidão (servo, o que serve comida); ao mesmo tempo representa a encarnação sexual e a inocência da criança. Retrata-se aqui, então, a separação – seja ela “*entre raças, culturas, histórias, no interior de histórias* – uma separação entre o antes e o depois”, que se repete obsessivamente (BHABHA, 2010, p.141). Bhabha conclui seu pensamento afirmando que:

O discurso racista estereotípico, em seu momento colonial, inscreve uma forma de governamentalidade que se baseia em uma cisão produtiva em sua construção do saber e exercício do poder. Algumas de suas práticas reconhecem a diferença de raça, cultura e história como sendo elaboradas por saberes estereotípicos, teorias raciais, experiência colonial administrativa e, sobre essa base, institucionaliza uma série de ideologias políticas e culturais que são preconceituosas, discriminatórias, vestigiais, arcaicas, “míticas”, e, o que é crucial, reconhecidas como tal (BHABHA, 2010, p.142).

Assim, em muito ainda coloca-se o negro em papel subalterno e inferiorizado devido ao ranço preconceituoso provindo dos tempos coloniais. Trata-se de uma maneira alienada de interpretar a cultura do outro: partindo do ponto de vista eurocêntrico, o indivíduo negro (já que a cor da pele faz parte dos códigos) é aquele que trabalha para satisfazer o colono, ao passo que não detém o respeito deste. É uma via de mão dupla cruel, pois a exploração do outro é intensa – e, neste caso, vem se acumulando devido às injustiças históricas, resultando em formas de poder ideológicas, predominantes até hoje.

Apesar de tal panorama, Stuart Hall (2003) ressalta que não há momento em que não se possa, extensiva e interminavelmente, teorizar o poder no que diz respeito à política, à raça e ao gênero, à subjugação, à dominação, à exclusão, à marginalidade, à alteridade, etc. Dessa maneira, ele enfatiza a relevância da construção da prática social e da crítica genuína. Ele preza pelo trabalho político-intelectual orgânico, que não se limite às metanarrativas de conhecimentos acabados das instituições. Mas, sim, que considere a teoria como um conjunto de conhecimentos contestados, localizados e conjunturais, que venham a ser debatidos com dialogia. Um retorno à teoria e à política, à política da teoria. (HALL, 2003, p.217).

A questão do negro, obviamente, é ressaltada nas duas obras sobre Mandela. Com relação à política que envolve tal questão, objetiva-se aqui a importância da igualdade e do respeito aos Direitos Humanos. O estereótipo, ao passo que é um recurso usado para clara apreensão de personagens, pois evidencia as complicitades deste com o potencial leitor

dentro de um contexto, deve ser também interpretado com cautela. Modelos estereotipados podem não dar conta das nuances da História – no caso dos livros aqui exemplificados, o estereótipo serve ao leigo como um primeiro contato com a vida pessoal e política de Nelson Mandela.

## **Conclusão**

A iniciativa da criação dos dois trabalhos aqui levantados pode ser apontada como mais uma opção afim de apresentar e ensinar noções de civilidade e, mais do que isso, respeito ao outro. Independentemente dos tipos de fenótipos e das heranças ancestrais, cada indivíduo deve ser considerado em sua totalidade histórica e social, tendo seus direitos assegurados enquanto cidadão. Também é possível notar o agendamento de pautas trabalhadas pelos Direitos Humanos em ambiente escolar, sobretudo, o trabalho com relação às diferenças.

O exemplo de Mandela na luta pela igualdade e pela Educação é mundialmente conhecido, não sendo em vão a sua alcunha como “O advogado da Educação”. E a iniciativa de produzir livros gráficos para serem trabalhados nas séries iniciais das escolas sul-africanas em muito compreende esta luta. Obviamente, as histórias foram simplificadas, respeitando o grau de complexidade apreendido pelo público-alvo, e os dois livros servem como um primeiro contato ao legado de Nelson Mandela, personagem na qual carrega polêmicas e complexidade em sua biografia.

Os princípios da Educomunicação auxiliam na interpretação de tais noções subjetivas mencionadas e no próprio entendimento e dinamismo dos produtos editoriais escolhidos, uma vez que são uma opção além daquilo tido como tradicional nas escolas. Se uma criança tem dificuldade de compreensão diante do texto corrido ou da aula puramente oral, o uso de grafismos (sequenciados ou não) podem representar um novo caminho ao discente. A escolha do quadrinho vai além do *boom* editorial, uma vez que pode cativar pelo carisma e pelo estereótipo. Porém, é preciso tomar cuidado com este último, afim de evitarmos generalizações e superficialidades.

A questão do negro é inevitável, devido às raízes de Mandela e à própria História – seja ela na África do Sul, seja ela no Brasil. Neste caso, a estereotipação e a diminuição das tradições pode ser crucial para o mau entendimento de uma cultura expressiva. Evita-se, portanto, o modelo opressivo que encaixa a cultura negra como uma espécie de subcultura ocidental. Evita-se, então, qualquer resquício da cultura do *apartheid*. E o quadrinho parece ser um dos caminhos escolhidos para tal conscientização.

## Referências

BACCIEGA, Maria Aparecida. Comunicação/educação e a construção de nova variável histórica. In: CITELLI, Adilson Odair; COSTA, Maria Cristina Castilho (Orgs). **Educomunicação – construindo uma nova área de conhecimento**. São Paulo: Paulinas, 2011.

BHABHA, Homi K. O estereótipo, a discriminação e o discurso do colonialismo. In:\_\_\_\_\_. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

BOUMA, Paddy; VAN WYK, Chris. **Nelson Mandela – a long walk to freedom**. New York: Henry Holt and Company (US Macmillan), 2009.

CARVALHO, Bruna. África do Sul garante acesso ao ensino a todos, mas ainda busca qualidade. **Último Segundo**. Disponível em: <<http://ultimosegundo.ig.com.br/educacao/2013-06-05/africa-do-sul-garante-acesso-ao-ensino-a-todos-mas-ainda-busca-qualidade.html>>. Acesso em: 21 abr. 2014.

CITELLI, Adilson; COSTA, Maria Cristina. Apresentação. In: CITELLI, Adilson Odair; COSTA, Maria Cristina Castilho (Orgs). **Educomunicação – construindo uma nova área de conhecimento**. São Paulo: Paulinas, 2011.

EXAME apud EFE. Fundação cuida, revisa e divulga o legado de Nelson Mandela. **Exame**. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/mundo/noticias/fundacao-cuida-revisa-e-divulga-o-legado-de-nelson-mandela>>. Acesso em: 10 abr. 2014.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

HALL, Stuart. Estudos culturais e seu legado teórico. In:\_\_\_\_\_. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte/Brasília: Editora UFMG/UNESCO, 2003. p. 199-218.

LIMA, Solange Martins Couceiro de. Comunicação & Educação: um olhar para a diversidade. In: CITELLI, Adilson Odair; COSTA, Maria Cristina Castilho (Orgs). **Educomunicação – construindo uma nova área de conhecimento**. São Paulo: Paulinas, 2011.

# 10º interprogramas de mestrado FACULDADE CÁSPER LÍBERO

NELSON MANDELDA FOUNDATION. **Long walk to freedom: children's edition**. Disponível em: <<http://www.nelsonmandela.org/publications/entry/long-walk-to-freedom-childrens-edition>>. Acesso em: 26 fev. 2014.

NELSON MANDELDA FOUNDATION. **Nelson Mandela: The Authorized Comic Book**. Disponível em: <<http://www.nelsonmandela.org/publications/entry/nelson-mandela-the-authorized-comic-book/>>. Acesso em: 26 fev. 2014.

READ TRUST. **About READ**. Disponível em: <<http://www.read.org.za/index.php?id=113>>. Acesso em: 2 ago. 2014.

SPIELGELMAN, Art. **The complete Maus**. Estados Unidos: Pantheon, 2011

SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação: um campo de mediações. In: CITELLI, Adílson Odair; COSTA, Maria Cristina Castilho (Orgs). **Educomunicação – construindo uma nova área de conhecimento**. São Paulo: Paulinas, 2011.

UMLANDO WEZITHOMBE. **About us**. Disponível em: <<http://www.umlando.co.za/>>. Acesso em: 26 fev. 2014.

UMLANDO WEZITHOMBE. **Nelson Mandela: The Authorized Comic Book**. New York: WW Norton & Company, 2009.